



Serviço Público Federal  
Universidade Federal da Bahia  
Escola de Teatro  
Colegiado de Graduação

SELEÇÃO: ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM TEATRO (B.I. ARTES) - 2015

MONÓLOGO / ATRIZ

### ***A GRANDE ESTIAGEM***<sup>1</sup>

DO CARMO – Ora, mãe... A senhora acha mesmo que a gente pode ter esperança de alguma coisa? A seca quando chega a este ponto não poupa mais ninguém. Vai matando! Matando! Matando! A meninazinha! Tonho! Vai matando um por um! Quando não mata, faz ficar doido, como Chico Bento! Por que era então que a seca ia poupar Zacarias? Por quê? (Pausa). E o que é que vai ser da gente agora? Sem nada pra comer? A água, um restinho só! A esperança era Maria Rita e Zacarias! Zacarias ficou lá, morto! Maria Rita não trouxe nada! O que é que vai ser da gente? (Caindo num choro de desespero). O que é que vai ser da gente?

### ***JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA***<sup>2</sup>

MARICOTA – Desacreditar-me por namorar! E não namoram todas as moças? A diferença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, enquanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com este ar de santinha – anda, faze-te vermelha! – talvez namores, e muito; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não há moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidar de suas estrepolias. Apontas-me porventura uma só, que não tenha hora escolhida para chegar à janela, ou que não atormente ao pai ou à mãe para ir a este ou àquele baile, a esta ou àquela festa? (...) Vive na certeza, minha irmã, que moças dividem-se em duas classes: sonsas e sinceras... Mas que todas namoram.

---

<sup>1</sup> FILHO, Isaac Gondim. *A Grande Estiagem*. Rio Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1973, p. 63.

<sup>2</sup> PENA, Martins. Judas em Sábado de Aleluia. In: **Comédias de Martins Pena**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. , p. 87

### ***O SANTO INQUÉRITO***<sup>3</sup>

BRANCA – (Deitada de bruços, atrás da grade. Sua atitude revela abandono e perplexidade. Há um longo silêncio, antes que ela comece a falar.) Se ao menos eu pudesse ver o sol... (Pausa.) Será que é essa a melhor maneira de salvar uma criatura que está na mira do Diabo? Tirar-lhe o sol, o ar, o espaço e cerceá-la de trevas, trevas onde o Diabo é rei? (Dirige-se para à platéia.) Vêem vocês o que eles estão fazendo comigo? Estão me encurralando entre o Cão e a parede. Será que foi para isso que me prenderam aqui e me tiraram o sol, o ar, o espaço? Para que eu não pudesse fugir e tivesse de enfrentar o Diabo cara a cara. É justo, senhores, que para me livrar dele me entreguem a ele, noites e noites a sós com ele, sem saber por quê, nem até quando, sem uma explicação, uma palavra, uma palavra, ao menos. Não sei... não sei o que eles pretendem. (...).

### ***ESCOLA DE MULHERES***<sup>4</sup>

INÊS – “eu feri o coração de alguém?”, perguntei espantada. “Feri”, me respondeu a velha, “e feriu seriamente. Falo daquele jovem que ontem, da varanda, você cumprimentou.” “Mas como?”, disse eu. “Qual foi a causa? Por acaso, se quiser, deixei cair alguma coisa em cima dele?” “Não”, me respondeu a velha. “O golpe fatal partiu desses seus olhos: você fitou e ele sentiu o coração em chamas.” “Ai, meu Deus” – Eu estava cada vez mais espantada. Meus olhos expelem algum mal que vai ferir os outros!” “É isso concordou a velha. “Teus olhos, minha filha, têm a luz venenosa que você não conhece. Mas o fato é que o rapaz definha, o pobre miserável; e se, o que não creio”, continuou a caridosa velha, “teu coração cruel se recusar a consolá-lo, será entregue à terra dentro de poucos dias”. “Deus seja louvado”, respondi. “Eu sentiria muito. Que tenho de fazer para ajudá-lo?”

### ***A VINDA DO MESSIAS***<sup>5</sup>

ROSA – (*Entrando na sala, estranha e mística*) Será verdade, meu Deus?! A dona Lazineha falou tanta coisa estranha! Será que eu entendi direito? Ela disse que conversou com o meu Messias. Ela até mudou de voz. Pegou no lençol e começou a gemer. (*Luz apaga*) Uia, será que queimou o fusível?

---

<sup>3</sup> GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 67.

<sup>4</sup> MOLIÉRE. *Escola de Mulheres*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974, p. 40

<sup>5</sup> WEHBI, Timochenco. *A Vinda do Messias*. In: **O teatro de Timochenco Wehbi**. São Paulo: Polis, s.d. , p. 41

Deve ser. Mas eu não troco ele, não. Pode dar choque. Quando o Messias voltar, ele troca: é serviço de homem mesmo. (*Dirigindo-se para a janela*) Ui, que escuridão! ... e a Lazineira disse que ela vai voltar logo... no começo meu coração quase arrebentou de tanta emoção. (*Abre a janela e vai surgindo uma lua cinzento-nublada*) Virgem, parece que a lua vai ficar prateada de novo. Deve ser aviso do Messias, dizendo que vai voltar! Nun entendi tudo o que a Lazineira falou. Parecia uma voz de velha caipira...

### **CASAMENTO<sup>6</sup>**

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vê em quando os cotovelos se esbarram,

ele fala coisas como ‘este foi difícil’

‘prateou no ar dando rabanadas’

e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos pela primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,

vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:

---

<sup>6</sup> PRADO, Adélia. Casamento. In: **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 285.